

Serres, Michel. *Musique*. Paris, Le Pommier, 2011.
Trad. Anônimo do séc XX

RUÍDOS

lenda (légende)

Descrever, inicialmente, o rio musical que atravessa a vida de um compositor.

INFÂNCIA DE ORFEU

Criança, Orfeu não falava, não cantava nem compunha músicas. Desejoso de se livrar do inferno estrondoso do mundo ao redor, procurava um lugar silencioso, insonorizado, raríssimo, no qual não mais ouviria os ruídos imundos dos motores e dos sintonizadores que, o ensurdecendo, tornaram-no mudo.

Para descobrir este lugar, partiu para o Mediterrâneo. No caminho, em Delfos, visitou a Pítia sentada sobre sua falha sísmica esfumaçada; em Dodona as seloi que dizem o que diz o vento por entre a folhagem das árvores; as doze sibilas delirantes em diferentes cidades; as mônades, as bacantes, todas gritando, à noite, em secretas orgias. Espantou-se com o fato de que estas solistas ou coristas antigas não paravam, assim como nos estádios o público de hoje, de se agitar, berrar, aclamar, vilipendiar. Novamente, seu ouvido era ferido. “por que esta barulheira?” ele se perguntava. Como se tratava de outras tonalidades diferentes das imundícies de nossas explosões, Orfeu perguntou a estas mulheres, por meio de gestos, qual o motivo de seus ruídos tumultuosos.

CLAMORES DAS SIBILAS, PÍTIA E BACANTES

Ele acreditou compreender que essas profetizas lhe respondiam, cada uma numa língua codificada:

“Se você quer aprender a falar, ou, mais tarde, fazer do falar profissão, seja como ator, advogado, professor, orador, se você deseja cantar, pôr a voz fora do corpo para preencher um espaço até a parede do fundo, se você quer levantar acima de sua garganta uma coluna vibrante, como um turbilhão de fogo, em sonoridades intensas ou em inflexões requintadas, saiba que, bem antes do sentido sustentado pela linguagem ou da emoção propagada pela canção, a voz vem do corpo, de seu apoio, de sua base, de sua postura em relação à terra, da sustentação, da preensão animal do chão pela planta dos pés, pela fixação sólida a longas raízes pelos dedos dos pés; que não sei qual fonte ardente vem de qual corrente ctoniana, ascendendo ao longo das colunas ósseas e musculares, pernas, coxas, nádegas, abdômen, mediastino, até a cintura escapular; sua voz dirá, significará, se ela deve sua inspiração profunda a esta fundação.

Para chegar a se exprimir, amanhã, neste fim de tarde ou nesta noite, em língua ou em cantos, exercite-se, inicialmente em nos imitar, nós, bacantes, embriagadas de vinho e de gritos, eu,

pítia, drogada pelos vapores emanados do centro da Terra, ou de outros ainda, vibrando com o sussurro do vento nas folhas. Nós captamos esses ruídos do Mundo com os membros. Nossas vozes voam quando as asas desses ruídos nos empurram pelos tornozelos; encarnamos o Verbo pelo corpo, pela alegria de nossos joelhos, quadris e metatarsos. A música, a língua, o sentido, como o êxtase e a ciência, sobem, mais tarde, dessas bases. A voz esvoaçante vem da Terra, por meio do corpo-vulcão. A alma venta desde o rés do chão (*l'âme vente de plain-pied*).

Nossas vozes vêm do vento e de seus grãos vibrantes, pelos pulmões do Mundo e pelos nossos; de nossos vasos sanguíneos e do murmúrio enorme do mar; dos vivos do chão e dos pássaros do ar; do desejo de vida, do batimento do clitóris; do caos (*tohu-bohu*) do Universo; mas também do ruído dos grupos, do estrondo das batalhas, da violência das relações humanas e da melancolia de amar; mil espinhos, saídos destes signos, atravessando nossos corpos, sangrentos e dolorosos, antes de se mudarem em voz. Estes vapores, esta brisa que vibra, estes ruídos vêm de todas as partes; escute-os com toda a pele, ela mesma vibrando como um grande tímpano.

Mude seu corpo num tronco com raízes profundas, cuja brisa agita os ramos nos quais conversam nuvens de pássaros. Assim, sua voz esvoaçante virá da terra pelo corpo-vulcão, do ar pelo corpo-árvore, da água pelo corpo-rio e do fogo pelo corpo-forno.”

ORFEU ATENTO

Criança, mudo, Orfeu sabia de tudo isso sem sabê-lo, ao menos sem poder dizê-lo. E, sob a direção destas mulheres, ele procurou, pouco a pouco, antes de entrar na língua, escutar, em silêncio...

... do corpo próprio, os sons roucos de sua glote, os batimentos de seu coração, o ritmo e o andamento (*tempo*) de seu pulso, os de sua respiração, assim como os zumbidos, murmúrios e tinidos insensatos do ouvido; ele já sabia escutar os soluços do desejo, do deserto do amor; ele aprendeu a ouvir, nos arredores, os gemidos de uma mãe a parir e, do recém-nascido, o grito...

... as primeiras queixas da espécie,

Sua pele se abriu também ao rugido imbecil das cidades, ao caos imenso das batalhas; ele escutou, piedosamente, as fitas farfalhantes, orando no vento do Himalaia; os motetos dos ritos, as súplicas das litânicas místicas, os salmos das religiões; o lamento dos amantes rejeitados; as músicas primitivas de tribos saídas da África...

... ele ouviu, em suma, homens, de seus corpos, de suas reuniões, os murmúrios e tumultos que, sem parar, precedem à história, sem dúvida insensata.

Atento ao ensinamento daquelas que interpretavam os clamores do vento e das asas na folhagem das árvores, ele ouviu também a música dos hóspedes delas, chapins, falcões, canários e colibris, condores, falcões e pombas, urubus; o silvo das serpentes sob a grama; o bramido

lamentoso do cervo sob a multiplicidade dos ramos e folhagens da floresta; os sinais distantes das baleias no mar;

a explosão magnífica da vida especificada;

e, mais delicadamente, a estranha música de um cristal aperiódico e dos cromossomas o cromatismo sutil.

Ele ouviu, portanto, em resumo, vivos em evolução e em desenvolvimento, os brilhos e os cantos que, sem parar, precedem a possibilidade de um sentido.

Pítia e Sibilas lhe ensinaram, enfim, o lamento da brisa, o clamor das quedas d'água, o estrondo da tempestade, o rumor da maré subindo, o guincho do gelo se rompendo, gemendo como uma mulher.

Pelo caos formidável e leitoso das constelações seu corpo se abriu ao ruído de fundo do Mundo, incessante, contínuo, cuja agulha tece a cadeia e a trama do tempo.

Em certo momento, ele acreditou ouvir a explosão do big-bang atravessando a barreira de Planck e repercutindo ainda no espaço-tempo.

Assim como o dessas mulheres inspiradas, seu corpo tremia em uníssono com o Universo clamante, de sua cacofonia (*tohu-bohu*) permanente precedendo a possibilidade do sentido.

A MÃE MEMÓRIA COLOCA ORDEM NESTES RUÍDOS

Com um ouvido agudo e aberto, mas ainda sem voz, sempre errando sobre as margens do Mediterrâneo, Orfeu encontrou, numa noite, sobre os flancos do monte Parnaso, uma velha feiticeira, má e genial, plena de saberes e de ressentimento, a Memória, que conservava ao lado dela, as lembranças do Mundo, estrelas e cristais; as do corpo e dos vivos, dobras e fósseis; e as das sociedades, mentiras e arquivos.

Ela tinha nove filhas.

Antes de as apresentar, ela disse:

“Uma dentre essas Sibilas que você deixou, dispersas em torno do Mar Interior, tinha obtido do Sol, apaixonado por ela em um tempo imemorial, a possibilidade de viver tantos anos quanto ela pudesse segurar grãos de areia com as mãos. Não, ela não tinha dito grãos de areia, mas átomos de matéria! Assim, ela dura tanto quanto o Universo, desde o começo, sob o fogo dos primeiros astros.

Pelo hermetismo de seus gritos, ela se pôs, então, desde a aurora do Mundo, a reproduzir o ruído de fundo deste, que seu corpo, aberto aos vapores da terra, às turbulências do ar, aos murmúrios do mar, às erupções dos vulcões, captava. E nos livros sibilinos, ela tentou copiar uma espécie de narrativa, com seu modo louco; imitando esses ruídos, antes que nascesse toda linguagem. Esses livros de magia, antes ilegíveis, eu começo a compreendê-los graças às ciências de hoje.

Porque, ainda mais velha do que ela, eu aprendi, lendo e escrevendo, a pequena memória dos humanos, alargada recentemente à dimensão do mundo, a minha.”

Fingindo abrir estes livros, ela recomeçou:

“Em meio ao caos desses rumores, existe uma ordem sutil, aprenda. Assim como o das Sibilas, seu corpo repercute sem parar três ruídos de fundo distintos, mas ligados, inextrincavelmente misturados. Eis a série: inicial e permanente o do Mundo; intenso e mais raro o dos Vivos; enfim, o das Sociedades que, em toda parte e cegamente, buscam o sentido.

Os humanos sempre tentam, por seus rumores, sensatos ou não, ensurdecer-nos aos outros dois. Esta tripla sucessão assume uma primeira grande harmonia nesta desordem suntuosa.

ORFEU INICIADO

Orfeu verificou este agenciamento começando pelo corpo próprio dos humanos, pelo pisotear de sua marcha, suas percussões sobre a pedra, a cólera de seus ódios e seus prantos, pela cacofonia incompreensível e brutal da história...

... mas, antes disso, ele escutou piedosamente os tecidos cosidos e rasgados do embrião farfalhando como papéis amassados, os batimentos precoces do coração no paraíso do útero grávido, o pulso do punho, o tônus dos tecidos (*tonus de la tenue*), o tumulto da carne, a tensão dos músculos e dos nervos, a explosão do entusiasmo no calor vital, o abalo trepidante do coito e o címbalo final do orgasmo, o tilintar de dez relógios orgânicos que vibram nas dobras da cronobiologia e, enfim, o DNA que, em hélice, treme como uma corda vibrante.

Menor, maior, oboé, gaita de foles (*musette*), mudanças de forma e de espécie, lução e evolução (*volvevo*, *évodevo*), evolução e desenvolvimento... ele, então compreendeu que: assim como na memória de rosa, nunca se ouviu sobre a morte do jardineiro, na memória de mulher ou de homem, nunca se viu desaparecer um gênero, nosso corpo desliza tão rápido sobre a morte silenciosa que ele quase nunca ouve o ritmo das transformações vitais. Ele aprendia o outro motivo pelo qual era surdo.

“É isto para os vivos” ele disse.

E é isso para o Mundo.

Acorde raro em meio à música de um atomismo em profusão, a vida é ouvida como um milagre na gigantesca loteria das coisas; depois da informação e das transformações, depois delas, mas na realidade antes delas, ele se pôs a escutar o trovão grave e o tremor dos terremotos, as volutas das colunas de fumaça das erupções vulcânicas, os turbilhões dos rios ao sair do arco das pontes, as turbulências das nuvens e o vórtex dos ciclones, as galáxias tão espiraladas quanto as fitas genéticas dos vivos.

Além dos ritornellos estacionários das órbitas elípticas, ele também ouvia a polifonia dispersa da radioastronomia, o ruído aleatório dos saltos quânticos, a difusão granular do tempo, o rumor profuso do universo, entre o big-bang e o big-crunch, a formidável expansão de uma onda inaudível porque universal. Ouviu o caos transbordar o começo das coisas e do pensamento, o ruído estriado dos sinais.

A GRANDE NARRATIVA

Rememorando, graças à velha feiticeira, das três marés sucessivas dessas ondas ao acaso, ele se deu conta de que acabava de desdobrar, de maneira dispersa, mas numa quase-ordem, o leque indefinido e os ritmos por meio dos quais a Grande Narrativa do Universo se propaga, caótica e contingente, inerte e iniciada no big-bang, viva e iniciada com as primeiras moléculas, e que não para, temporariamente, de se completar pela história, terminal, brevíssima, quase instantânea. Sensata, insensata? Sincera, mentirosa?

No total, a imensa orquestração aleatória do Universo, o espaço-tempo aberto das branas e das supercordas, os órgãos e as membranas vibrantes da vida, suas paciência e lenta evolução lhe pareceram, então, lançar, como mil rios, suas águas pré musicais no imenso mar de nossas sinfonias e de nossos cantos, de nossos poemas, de nossos teoremas, declarações e discursos – aí incluído o meu, aquele que sustento, mas em língua, agora?

Escutando, para terminar, o leque desdobrado das paixões e das línguas humanas, ódios e infelicidades de amor, políticas monótonas e mentiras de força, conhecimentos e ciências, ele percebeu também que esta linguagem emergente, grudada no corpo, espessa, pegajosa, que escorre em abundância, que não se cala, podia impedi-lo de ouvir os gritos dos vivos e os ruídos do Mundo antecedentes. Ele disse para si mesmo: “o sentido esconde o que o precede. Eis porque, criança, eu hesitava em me resignar a isso. Eis porque a linguagem nunca compreenderá a Música”. Eis porque faladores e sábios, frequentemente surdos para o Mundo e para o rio ardente da vida, aos adultos não cabe compreender as crianças, os poetas, as Pítias nem as bacanais e, ainda menos os surdos-mudos.

“Chego, enfim, à leitura dos livros sibilinos”, ele disse.

A velha Memória interveio novamente:

“Clara e negra, caótica e legal, esta Grande Narrativa do Universo e dos vivos, imenso arbusto, espinhoso e emaranhado, que essas mulheres acabaram de lhe ensinar, sem aí encontrar, como eu, uma ordem, do big-bang à minúscula história humana; as ciências, agora, não contam como essas vis Sibilas, por mímicas, gritos, sinais e tremores, mas como eu e minhas filhas, em línguas: em centenas de línguas científicas e técnicas, até mesmo vernaculares... lidas e ouvidas com os neurônios da cabeça, a onda das paixões e as verdades da razão. Conservo a memória dessas

línguas, mesmo daquelas impressas sobre as moléculas, que podemos decifrar no coração das estrelas, nas carnes e sobre os ossos, antes de consultar a superfície dos mármore e as dobras dos rolos mentirosos.

“Mas esta Grande Narrativa depende de todas essas línguas e da linguagem em geral e, sob elas, de vozes de que desconhecemos, justamente, a origem?”

“Sob essas línguas de conhecimentos, o que você ouve? Vou lhe dizer: justamente o que acabam de lhe ensinar as Sibilas: os ruídos estocásticos do Mundo e, você ainda não o sabe, a Música-soma desses ruídos. Assim como Afrodite, mãe de toda beleza, nasceu da espuma e da ressaca, emerge, repentinamente, do mar caótico do ruído: a Música. Ela alisa os espinhos e integra os sinais desse mar”

A Grande Narrativa escoia numa grande rapsódia.

MUSAS-LÍNGUAS E MUSAS-MÚSICA

“Acústico e musical, seu corpo poderá, de fato, graças à entonação dele, se livrar da dependência dessas línguas, usuais ou eruditas, cujos sentidos e sons tornam a maior parte de seus semelhantes surdos para todos os ruídos do Mundo. Tagarelas, impossíveis de serem caladas, autoritárias, exclusivas, autistas, as línguas, e eu, memória delas, ensurdecemos para qualquer outro som.

“As Sibilas, as Bacantes acabam de abrir seu ouvido para os ruídos ao acaso que precedem e condicionam as vozes humanas. Antes de falar, de calcular, de raciocinar, de, finalmente, narrar, elas lhe ensinaram a escutar, inicialmente, as ondas granulares do vento, o caos quase ritmado da maré, enfim, o ruído de fundo do Mundo.

“Os gritos delas reproduzem estes espinhos.

“O corpo ouve, sim – ele compreende? –, essas combinações contingentes de sons insensatos, de acordes vagos, de cacofonias estridentes, recaem, às vezes, imediatamente, no ruído de fundo.

“Bem antes de se verter em palavras, frases ou leis, estes bilhões de grãos particulares podem bifurcar ritmadamente, para tons, notas, para uma música primitiva que, acolhendo os ruídos e os sinais do Mundo e da vida, como o oceano recebe cem rios, transforma os clamores esparsos e totalmente diferenciados em universais que precedem todo discurso. Ó maravilha de acordo! Sem sentido ou sob o sentido, o corpo ouve esta música. Bem antes que a cabeça a transforme em voz, em sentido e em língua, antes de pensar, de dizer e de significar, seu corpo vibra com essa música, integrada por ele a partir de todos os ruídos do Mundo. Dela, ele faz a síntese. Sua vida profunda compõe uma partitura.

Mas como passamos do ruído à música? Quem a compõe? Minhas nove filhas! Para realizar

um trabalho tão raro, fino, útil e perigoso, tive que ordená-las em muitos grupos. Inicialmente, todas dispõem e compõem mil ritmos e músicas; em seguida, elas se especializam na ciência e na linguagem. Musas-Música, primeiro, Musas-línguas depois.”

Entre a gritaria das Sibilas e o tumulto incalculável das bacanais, percebidos e imitados por Orfeu no caminho de sua errância e, por outro lado, o discurso instruído da Memória que desdobrava diante dele a Grande Narrativa, de cujas línguas cobrem e escondem a carne viva, Orfeu viu, deslumbrado, se interporem as Musas.

Ele compreendeu que aquelas dezenas de mulheres a gritar fazem correr sem parar em direção às Musas milhares de pequenos regatos turbulentos que alimentam uma bacia comum, de onde jorram, então, a Música e o Mundo.

Memória, mãe orgulhosa, recomeçou:

“Minhas filhas se chamam Musas porque, todas juntas, dão à luz a Música. Porque recruta minhas nove filhas, eis a primeira arte humana: ninguém acederia à beleza se não passasse nunca pela Música.

“Voltado, portanto para ela, contínuo, desgastante, comparável à construção de um dique, sempre prestes a afundar, mas resistindo à invasão das cheias que não param de aumentar, o trabalho heroico das minhas filhas recolhe as águas torrenciais da montante, alisa os espinhos do caos, acalma o choque dos astros, abranda o uivo do furacão, o silvo dos ciclones e o assalto dos tsunamis, reduz a guerra animal, tempera os poderes perversos, ordena os pactos, acolhe os abandonados, alivia os desprezados, cura os amores feridos. Face às batalhas negras e aos ódios incessantes que não param de renascer entre as coisas, no seio dos vivos e das sociedades históricas, que obra seria mais necessária? Mas também que trabalho sem repouso!

“Uma após a outra fazem música desses ruídos e dessa dor dos espinhos.”

Como?

DUAS MUSAS POR OFÍCIO (*PAR CORPS*) PRIMEIRAS

Duas Musas do corpo se apresentam primeiramente: Polímnia, que se entrega à pantomima, e Terpsícore, dançarina.

Musa completamente silenciosa, ágil, flexível, felina, dócil, a primeira, fascinada pela imitação, começa o trabalho das nove irmãs inventando antes de tudo o ritmo cujas repetições não podem se encadear, cujos choques não recomeçam, cujos batimentos não se perpetuam... a não ser em presença, diante de uma imagem dupla. Reflexo, depois repetição. Situado frente a tudo, o corpo de Polímnia policopia os seres e os outros contrafaz, melhor ainda, torna-se todas as coisas do Mundo: esprieta os signos para reproduzi-los.

A simulação no espaço produz a simultaneidade na duração. A primeira incita a outra, mas, depressa, a desloca. Dois gestos ao mesmo tempo, depois um mesmo gesto em dois tempos. Duplicar, imitar; duplicar, repetir; um pé, depois dois pés. Em seguida, para melhor imitar, recomeçar. Imitar, depois reproduzir. Quem, portanto, bate repetitivamente o tamborim e, mais raros, os tímpanos, quem gira castanholas, quem sacode a caixa, quem se encanta com as baterias? Aquele que, dócil, duplica, dócil, acompanha, dócil, reproduz, replica, e, dócil, encadeia e repete. Faz, refaz, contrafaz: um, dois e três pés. Antes que Terpsicore dance, Polimnia entra em redundância.

Não diz nada, mas porta tudo.

“Nada existe sem o ritmo” ela se orgulha. Galáxias, espirais, astros girando em torno de si ou em torno de outros astros, corpos vivos com coração a bater, poemas rimados... nascem, cadenciados, como valsas e polcas. Ela irrompe em risadas.

Também conduzida pelo ritmo, ágil e felina do mesmo jeito, a seguinte entra na dança. Ela não reproduz mais nada, como fazia sua irmã, mas descobre o corpo e o inventa, humano. A dança o lança, com efeito, para posições, movimentos, torções, tensões, saltos e gestos improváveis, inesperados e novos, que nem o caminhar, nem a corrida, nem a caça, nem qualquer uma das funções vitas precisaria. Ao liberá-la de sua prisão nativa, Terpsicore cria uma vida emergente, mais numerosa e colorida ainda do que a corte amorosa do abelharuco, do que o vôo nupcial das mamangabas ou a corrida errante, complementada por chamados, das baleias sob as águas.

Sim, a dança acumula uma bagagem, um repertório, um reservatório de condutas corporais, imediatamente inúteis certamente, mas próprias para servir em caso de acontecimento inédito ou perigoso. O corpo de Terpsicore saberá se adaptar porque a coreografia lhe ensinou uma soma quase universal de cem figuras e mil movimentos, porque ela lhe deu um novo corpo humano, branco como a soma de todas as cores. Amanhã u em dez anos, uma circunstância ao acaso da vida lhe exigirá uma reação, em ato, a uma cor estranha, a um encontro inesperado, a um acidente... e ela encontrará uma resposta no tesouro branco de seu corpo em movimento.

A dança inventa o corpo humano porque ela lhe dá a adaptabilidade. Ela lhe permite ir em todos os sentidos. A música inventará a linguagem porque ela também vai em todos os sentidos, no sentido da significação.

As duas primeiras musas inventam verdadeiramente ou interiorizam os movimentos e emoções do mundo? Criando o ritmo, Polimnia imita e prossegue a Grande Narrativa da Terra; quanto a Terpsicore ela continua, o ultrapassando, o ritmo dos vivos que, segue, caótica e

contingentemente o do universo.

Mas como elas o seguem?

RITMOS, PERCUSSÕES

“Se os homens, se os vivos, se o universo fazem ruído, elas cantam juntas, eles às vezes emitem sinais, por vezes também marcados por ritmos...

... espirais de galáxias, rotação de estrelas de nêutrons, vibração de cores no espectro dos astros, relações harmônicas entre planetas, retorno da primavera e dos dias, oscilações do cálcio, spin do elétron ... floração secular do bambu, epidemias cíclicas, amores raros das cigarras, migração dos grou e dos patos, menstruação, *andamento (tempo)* das reproduções, coração, pulso e neurônios, ritmo dos hormônios... acentos cantantes, pulsação das vozes, medida dos passos, clamores em onda das massas... medidas, ondulações, comprimentos de onda... desde o começo dos tempos, podemos ouvir, em acréscimo, *andamento (tempo)*: estremecimentos, intensidade, rapidez, frenagens e acelerações...

Basta imitá-los, basta dançá-los, digamos, basta que nossos corpos, exteriormente oscilantes, imitem suas mil vibrações internas, naturalmente ritmadas. Reproduzimos, então, as diversas cadências do inerte e do vivo. Nenhuma criação vale sem que o criador tenha interiorizado, depois exteriorizado, as leis do universo. E, no início, suas pulsações.

Se, em grandeza, os ruídos se classificam em três ordens, mil ritmos ordenam, em miniatura, as arritmias de seu imprevisto espinhoso. Pois, se o ritmo quebra, ele também liga; a cadência corta, certamente, mas exatamente por cortar, ela faz correr. Ouvimos e reproduzimos o tempo: cortado em elementos ritmados, minutos e segundos, horas e jornadas, séculos, milênios, ele corre como um rio, percola e se desdobra. Assim, o ritmo alisa os espinhos do ruído.”

Vitória! Descontínuas, contínuas, temporais, as duas musas misturam medidas e ligações. Mesmo se muitas vezes elas recaem no caos, elas daí fazem emergir a Música por sinais cadenciados. Ela daí jorra sobre um pé, dois, três ou quatro pés!

Orfeu escuta as duas musas que portam tambores, tímpanos, martelos; ele as vê se esforçando sobre cem instrumentos de percussão cujas cadências ritmadas buscam recobrir a cacofonia das Pítias.

Por seus fluidos mímicos e as coreografias combinadas encadeadas de seus membros, elas aplainam o ruído de fundo espinhoso das coisas do mundo e das emoções vitais.

Suas atitudes e figuras apresentam, assim, diante da Grande Narrativa das coisas, uma paisagem rica de metamorfoses e de evoluções possíveis. Pois, aquém, desse alisamento prévio, e já

regrado ou quase, essas duas primeiras musas retêm, no entanto, as riquezas exuberantes saídas, inicialmente e ainda, do caos primeiro, mas também das bifurcações evolutivas, duas fontes escondidas, vivas, quase infantis.

Suas já bem informadas descrições vitais não param de redescobrir na desordem suntuosa milhões de singularidades, de uma beleza alegre, luxuriante, desbordante, de uma superabundância opulenta e de uma plenitude radiante.

Elas sorvem seu gozo em todo o real vivo.

DUAS PRIMEIRAS MUSICISTAS

Euterpe: “Eu toco flauta; domino o sopro de minha respiração por meio de regras, cadências e medidas semeadas nas partituras.”

Inventada por Pan, um dos deuses primordiais, ou por Hermes, pai dele, a flauta simboliza aqui todos os instrumentos musicais possíveis, feitos de cobre, de bronze, de ouro, metais inertes, ou ainda, feitos de madeira, de couro, de peles, de tripas tiradas dos vivos; colunas ou cordas vibrantes produzindo sons, doces, a partir de matérias duras.

Erato: “Eu dirijo o canto coral que reúne mil gritos disparatados; sob melodias ou salmodias se acalmam os ódios discordantes das pessoas e dos povos na harmonia de uníssonos raros ou de acordes complicados.”

Progressão decisiva: da flauta ao coro numeroso, de Euterpe a Erato, a música se desloca, após o ritmo, portanto desde sua emergência, dos instrumentos para as vozes, sobe da emissão dos sons das coisas, cordas ou colunas, duras, para a emissão de sons de bocas, dentes e línguas vivas, e, mais tarde, de palavras, doces. Esta ascensão maior – ou esta queda, pelo menos em densidade – do duro para o doce passando pelo vivo esclarece o uso do verbo alisar, saído das limas ditas duras ou doces, emprego constante desde meu começo. Solistas ou em corais e formações diversas, essas duas irmãs cobrem e alisam, efetivamente, a totalidade transfinita do caos de fundo erichado de espinhos.

Tendo já jorrado das cordas, colunas e gargantas cantando juntas, a Música ainda não chegou nem ao sentido nem à palavra. Uiva e ulula, ritmada: grita, geme, clama, se lamenta, suplica... comovida como melopeia.

Assim como o dançarino leva em seu corpo uma reserva, perfeitamente inútil na vida corrente, de gestos, figuras e movimentos, tensões e posições... que lhe permitirão, eventualmente, dispôr, um dia, de uma resposta, muscular ou nervosa, a algum acontecimento inesperado, favorável ou perigoso, também o cantor vivo leva uma reserva no tórax e nas cordas vocais, o músico reúne

em seu instrumento um repertório imenso de sonoridades, altas e baixas, agudas e graves, breves e longas, fracas e fortes, destacadas ou ligadas... também inúteis na vida corrente porque insensatas, mas que, eventualmente, permitirão que ele disponha, um dia, condições necessárias para uma resposta discursiva, diante de um sentido inesperado, perigo ou alegria, mal-estar ou morte, amores e delícias. O grito produzirá a palavra e o sinal produzirá o signo. Insensata, a Música produzirá o sentido.

Em presença de Maria a magnífica, Ronsard deslizará do rouxinol ao soneto.

As duas musas corporais – mímica e dança – e as duas musas musicais seguintes – flauta e coro, coisa, vida e voz – estocam, assim, em seus corpos e em suas evocações, massas de respostas eventuais, carnavais e sonoras, duras e doces, ainda e sempre privadas de sentido, a riscos, duros ou doces, repentinamente saídos de um meio contingente, ou nativo, ou mortal. Estas condutas aparentemente inúteis e esta estocagem aparentemente insensata vão logo se revelar como duas fontes decisivas da hominização: Música prévia à linguagem adaptada, dança prévia a toda adaptação.

Não, o *Sapiens* não poderia ter emergido, não, os humanos não poderiam ter sobrevivido sem o trabalho constante dessas quatro mulheres, sem os bancos de dados, corporais e vocais, duros e doces, que elas reúnem, pelo corpo e pelo som, antes da emergência da significação. Assim, essas reservas de gestos e de sonoridades se revelam universais: inúteis e universais, ou seja, mais úteis do que toda utilidade urgente. Nenhuma cultura sem mímica, dança, ou música, instrumental ou vocal – quatro tesouros de equivalentes gerais, mais brancos do que o dinheiro, ainda mais vitais do que o ouro.

Durante o trabalho esgotante desse alisamento e desse branqueamento, as quatro musas prévias conservam, no entanto, ao lado delas a riqueza exuberante do caos primitivo, fonte oculta, desprezada, mundial e quase infantil.

Alegremente, suas composições aí desenham milhões de variações de paisagens, graciosas, luxuriantes, potentes, transbordantes, de uma superabundância opulenta e de uma plenitude serena.

Elas encontram sua felicidade em todo o real.

Orgulhosa pela lembrança desses começos, a mão Memória indica então a Orfeu o estrato das duas fontes primordiais.

“Arcaica e oculta, a primeira emite um ruído no rumor do mundo; inaudível, a humana dorme nos gestos do corpo e no insensato da Música.

Minhas cinco últimas filhas trabalharão para despertá-las.”

A MUSA DO MUNDO

Urânia compõe, contempla e calcula a harmonia da paisagem celeste.

“Há muito tempo, as constelações, ela explica, associavam ursas, leões, escorpiões e capricórnios, virgens, caçadores e centauros, coroas e panelas, espinho e ramo... numa desordem caótica de artefatos, de vivos, fauna e flora, e de humanos fabulosos. Hoje, o universo associa milhares de singularidades ainda mais disparatadas, asteroides, estrelas de nêutrons, galáxias, acúmulos, buracos negros, nuvens interestelares, arcos gravitacionais, sobressaltos gama... tudo em desordem do mesmo jeito.

Ruído de fundo sem Música?

Antigamente, antes do advento das leis de Galileu, Copérnico ou Newton, Platão e Kepler tinham harmonizado em escalas e notas as órbitas dos planetas errantes e os sistemas do mundo. Hoje, a Grande Narrativa alisa o caos e unifica, ainda que contingentemente, o tempo colossal do universo.

Música diante do ruído de fundo?

Mas, antes de tudo isso, eu Urânia canto, componho a música prévia a estas distribuições caóticas, a estes cálculos teóricos, equações e razões. Eu aliso, de antemão, todo o ruído do mundo, para deixar ouvir, sob a Grande Narrativa, uma imensa rapsódia. Sem esta última, quem algum dia poderia ter posto esta narrativa em línguas, em equações, números e razões?

Mas como? Para fazer isso, chamo as quatro musas precedentes, a mímica, a coreógrafa, a flautista e a cantora. Para imitar ou dançar, aprender a tocar ou a produzir vocalises, elas não seguem indicações precisas? Como elas se apresentam? Receitas, métodos, ou regras. Gestos corporais a reproduzir, em dança, depois em música: como, onde colocar os dedos sobre a flauta ou sobre a cítara? Sobre que parte fazer vibrar essa coluna de ar, ou sobre que intervalo, uma das cordas? Como sustentar ou elevar o sopro, a voz...? Essas indicações de aprendizagem, e de execução, formam logo algumas séries ordenadas: se você quer obter tal melodia, coloque seu indicador aqui, depois ali, de novo lá e assim por diante; modifique a abertura de sua boca e o avanço dos lábios... aparecem, então, dezenas de códigos fazendo corresponder tal gesto e tal som, tal nota... Sim, codificar, depois decifrar...

Não só isso, privada de sentido discursivo, a Música precede e, por seu imenso banco de sons, torna possíveis mil línguas, mas ela ainda supõe indicações que fazem corresponder tal gesto a tal som, dos quais praticamos e concebemos rapidamente código e cifra... que acabam por se encadear em sequências longas que eu chamo de algoritmos. Aí estamos.

Sim, a Música precede o sentido e as línguas, mas os algoritmos múltiplos que ela utiliza antecipam também a matemática, cujos números de ramos e a potência formam uma língua para mim – musa das ciências, língua privada, certamente, de sentido discursivo, como a Música, mas

tão universal quanto ela, para corresponder, com a mais exata harmonia, e a mais exaltante beleza, aos homens e ao mundo. A matemática os explica porque aquela que a gerou, a Música, as exprime. Nenhuma ciência sem música prévia.

Se as línguas matemáticas explicam o mundo, elas nascem da Música. Esta, portanto, canta a totalidade das coisas. Ela nasce do ruído e precede a grande narrativa aleatória que os homens contarão, a dos vivos e a do Universo.

Assim, eu, Urânia, musa do saber preciso, rogoroso e universal, pretendo ter duas mães: a de meu corpo, a Memória, e a de minha obra, a Música. Entre minhas nove irmãs, então, tomo esse lugar, após a mímica e a dança; mas as duas seguintes as considero como maternas: não, eu não existiria sem elas... seguem-me aquelas que concernem à linguagem.

No entanto, em minha obra científica, conservo as riquezas extraordinárias oriundas do caos primitivo, fonte oculta, desprezada, mundial e quase infantil. O ruído de fundo do Mundo não parando nunca, o corpo não para de ouvir, alguém da Música, esse poço de vibrações aleatórias de onde emanam permanentemente jatos de combinações e onde retombam as cacofonias eliminadas.

Minhas pesquisas, minhas descobertas, teorias eruditas não param de aí extrair milhões de singularidades paisagísticas, graciosas, potentes, luxuriantes, transbordantes de uma superabundância opulenta e de uma plenitude serena.

Crio meu gozo a partir de todo dado.”

Orgulhosa pela lembrança desses começos, a mãe Memória indica então a Orfeu o estrato das três fontes primordiais: “arcaica e oculta, a primeira, bacanal, ruído no rumor do Mundo; ouvida, agora, a humana dorme nos gestos do corpo e no insensato da Música; exata e rigorosa, a última, matemática, conta, mede, calcula, demonstra, apressa-se em experimentar.

Minhas quatro últimas filhas trabalham para despertar a significação.”

QUATRO MUSAS CAÇULAS

Mais jovens, mais numerosas porque o trabalho delas se torna mais contínuo e mais difícil na medida em que a Grande Narrativa descendendo mergulha no destino coletivo, as quatro musas sociais tentam, contra cóleras pessoais e ódios partidários, após eles, malgrado eles, contra as provocações e os combates, malgrado eles e após eles, em meio à violência das relações humanas, carnificina e sangue, aceder, entre e malgrado esses novos espinhos, outros ruídos, à linguagem discursiva e ao sentido.

Melpômene chora na tragédia, acompanhada, precedida pelo coro, porque aí sempre se mata um bode expiatório. Mais vale rir, diz Tália, cômica, enquanto que o ridículo com frequência assassina. Mais vale ainda a poesia épica, primeiramente cantada pelos aedos e indefinidamente sangrenta e mortal – Calíope. Os modernos preferem as guerras, as mentiras dos heróis da história,

rivais bem raramente humanos – Clio.

A mãe Memória: “Escute, Orfeu! Ouça a Música! Ela já preenchia o espaço desses teatros, ocupava o tempo desses espetáculos, dessas representações. E hoje, você às vezes lamenta por isso, ela invade as ruas e lugares, as medias coletivas e os ouvidos individuais... Sem ela, quem falaria?”

Pela emergência da Música e graças ao trabalho das musas, Orfeu se libertou dos infernos do caos e da desordem, no curso de uma viagem, longa e difícil, em torno do mar pítico e bacanal, arrastado. O ritmo e a harmonia da Música o livraram desses ruídos.

Eis aqui a emergência do sentido, da representação e da linguagem, novamente ruídos de fundo se apresentam, saídos, agora, da violência e da morte humanas. Por que o acirramento deste outro rumor antes que se levante a palavra? Por que, desde essas segundas origens, o mal, o erro, a dor, a matança, como, nas primeiras, a desordem do ruído?

Assim como cada musa, doce, não para de se e de nos liberar das bacantes em fúrias duras, Orfeu não para, em seguida, de sair dos infernos. Recomeça a viagem.

Música, livrai-nos do Mal!

Polímnia, a gestual, retoma a palavra: “Como reconhecer o fogo sem queimadura, uma ponta sem picada, o trovão sem terror? A sensação guia a vida atraindo para o prazer e, um pouco, de maneira brutal, mas decisiva, a afastando da dor. Equipam minha pele de mímica, meus nervos e meu corpo, terminais apropriados a esta bipolaridade em que um dos atratores permanece mais potente do que o outro. Para perfazer minha mimética eu me aproximo, certamente, do mundo, mas não ultrapasso o limite que uma dor suportável define.”

Urânia tal qual um eco: “Que uma experiência confirme uma teoria, isso me dá confiança, mas nada me ensina. Que ela a destrua, avanço, aprendo. Somente a falsificação decide sobre a ciência. Se, por outro lado, sempre tivéssemos êxito em nossas tarefas, nunca compreenderíamos nada: ingênuo, o filho do rico; tola, a criança educada na seda do conforto; besta, aquele que sempre ganha. O fracasso forma o aprendiz de marinheiro, de padeiro, de costureiro, o novato, eu. Como Orfeu se tornou músico? Pelos ruídos e notas falsas! O inferno é a adaptação; o aprendiz sai daí. Escorregando, tropeçando, caindo de volta, o compositor, o criador não param de se livrar dele. O próprio homem...

A mãe Memória tenta resumir: “Uma teologia genial somou, antigamente, como uma primeira síntese, essa série de experiências sensitivas, empíricas, teóricas, pedagógicas... por meio do dogma do pecado original. Desde a origem do homem, instalado num Éden paradisíaco em que, justamente, tudo andava bem, riqueza e saturações, eis que ele chega. O Que teria se passado durante, após o paraíso primeiro? Resposta: nada além da repetição, angélica, supralapsária, monótona, redundância sem informação; nenhuma humanidade, nenhum acontecimento, nenhuma história. O pecado foi a primeira circunstância interessante. Em meio à redundância da obediência,

a primeira desobediência, improvável, aportou, portanto, por esta mesma imprevisibilidade, uma bela quantidade de informação. Eis porque ela ocorreu sob a árvore do conhecimento; melhor ainda, do conhecimento do Bem paradisiaco e do Mal improvável. Sem essa inclinação de Eva, sem o pequeno peso da maçã, *Sapiens* não teria de modo algum emergido; nem sua história, inversa ao paraíso, em que o Mal entra em redundância e o Bem em raridade.”

O Mal radical designa a raiz de nossa hominização. Nenhuma moral, nenhuma ética, nenhum conhecimento... sem ele. Não procure em outro lugar a origem do Mal: ele está na nossa origem. No início, um paraíso que dá errado... um fuso em paralelo que, declinando, traz a primeira informação... *Errare humanum est*, isto quer dizer: o erro é o próprio do homem, ao menos seu começo; de fato, sua faculdade universal para a adaptação. A melhor das pedagogias – origem recomeçada, para todo vivo humano singular – consiste em dispensar este mal a dose de vacina. Aprendizagem: homeopatia do Mal.

No começo mundial, o ruído; a Música o alisa; no começo humano, o Mal; a Música dele me livra; em todo recomeço, uma espécie de inferno.

Orfeu aprende, enfim, a compor.

Assim, as quatro últimas musas passam da Música para a linguagem pelas feridas da violência, da morte, da dor, do desamor, do mal de amar. Tragédia, epopeia, teatro e história tentam recobrir e alisar, às vezes com sonhos e mentiras, sempre por representação, os ruídos de fundo odiosos e assassinos de nossas sociedades. Sem a frequente e falsa fuga da morte pelo sonho, sem a rara e verdadeira fuga da dor pela beleza, como teríamos chegado à linguagem, como falaríamos, como teríamos inventado histórias? Não se faz boa literatura com bons sentimentos. Para seduzir com beleza tudo o que existe e respira, Orfeu deve lutar para sair, mais uma vez e sem parar, dos Infernos, sempre compondo. Pois a Música sempre corre o risco de cair, numa explosão, no caos e na morte violenta, de onde ela faz jorrar o amor.

No entanto, depois disso, as quatro musas caçulas conservaram as riquezas exuberantes saídas das diferenças culturais as mais disparatadas e das oposições individuais mais exacerbadas, fonte oculta, desprezada, mundial e quase infantil.

Suas obras humanas aí recolhem, sem parar, milhões de produções singulares, pessoais, alegres, luxuriantes, desbordantes, de uma superabundância opulenta e de uma plenitude radiante.

Criando elas obtêm seu gozo.

Urânia reaparece: “Utilizadas com frequência pelas minhas quatro últimas irmãs, as línguas, ela diz, dizem e designam. A invenções do Verbo reúne um signo com aquilo a que ele se refere, associa, portanto, o duro de uma coisa ou a carne de um vivo com a doçura de um dito. Este acontecimento parece ser de uma grande raridade para que não notemos nele muita informação.

Melhor, associar tais elementos da língua matemática, tão universal quanto a Música e, sem

dúvida, dela saído, a tais coisas do Mundo ou a tais códigos dos vivos e, além disso, com uma tal exatidão que o signo corresponda à coisa e a coisa a seu signo, eis uma raridade, uma encarnação, um acorde tão forte que é quase um milagre.”

Então, o acontecimento, tão raro que permanece incompreensível, da aplicação da língua universal às singularidades do Mundo e da vida, terminou a iniciação de Orfeu com uma espécie de milagre, saturado de informação.

O músico reconhece que sua viagem iniciática simplesmente o levou ao seio materno, pois sussurravam por toda parte que Polímnia, talvez, que Calíope, certamente, lhe haviam dado à luz. Melhor, creio poder dizer que Orfeu ou a Música devem seu nascimento ao útero comum ao conjunto das Musas, Música significando essa novena de maternidades.

LITANIAS FINAIS DE ORFEU-MÚSICO

Para se tornar, no seio dessas mulheres-mães, orador, cantor, virtuose da lira, compositor e erudito, Orfeu recebeu delas, no curso de sua vida, um fio de Ariana – ainda uma mulher – de quem ele tinha adivinhado a existência durante a própria infância e que acabou por seguir, cego e dominar, lúcido, fio ou longa corda que, passando pela palavra e pelas línguas, abria-lhe um batente para a voz e, pela voz, para o canto e, pelo canto, para a representação sobre uma cena de teatro e, pele ciência e pela história assim representadas, para a Música. Para a Música, central, inicial e decisiva...

... e sob a Música, para todos os ruídos caóticos do Mundo e dos vivos, cujos espinhos atravessavam sem parar o seu tórax, para que daí pudesse jorrar uma fonte última e oculta, uma fonte infernal, ardente, insuportável, viva, vital, inspiradora, criadora.

Pítias e bacantes lhe haviam ensinado a ouvir, inicialmente, a universalidade do ruído: em toda a parte e sempre presente, tão provável quanto a certeza, não carrega nenhuma informação. Mímicas, as primeiras Musas lhe ensinaram então a lutar contra o ruído por meio do ritmo: geral, menos universal do que o ruído, já comportando alguma informação. Sem esse ritmo, nada existe, tudo recai no ruído. No começo, existentes não podem sair desse caos a não ser por algum ritornello, como por exemplo o dos dias, auroras e crepúsculos, durante uma semana curta ou longa. Todos emergidos do ruído pelo ritmo, esses existentes se fazem mais raros do que esses dois sinais, já comportam, portanto, uma bela quantidade de informação. Quanto mais Orfeu adquiria informação, mais ele saía dos Infernos desordenados, mais, nascendo, subia para a Música. Na medida em que avançava no ensinamento das Musas, ele aprendia, conjugando os ruídos e os ritmos, a fazer jorrar sons lisos e a chegar, enfim, a essa música mais rara do que os sons carregando ainda mais informação.

Partindo da Música, e através das últimas filhas, ele acedeu ao sentido e à linguagem,

raríssimos e, por isso, inflados de informação. Finalmente, até a ciência de Urânia, purgada de todo ruído, saturada de sentido e de raridade, quase miraculosamente informada.

Enfim, Orfeu tomou a palavra e declamou:

“Música no meio: istmo, cruzamento, braço de mar livre entre o zero e o todo da informação, entre a confusão plena de espinhos do ruído, onde o caos se perde e se mistura em suas águas melódicas, e a lisa necessidade só sentido que, apaziguado, daí jorra. De um lado, grãos, ciclones e tufões, alarido; de outro; vozes e palavras, razão. Rio ou cascata entre desordem e ordem, a Música abre o estreito necessário pelo qual acedemos ao sentido. Alfândega, estação de pedágio, habitat de todos os mensageiros, anjos bons e maus, canal por onde todos passam, lugar onde tudo se passa. Música: ponto oceânico entra as Menades e Urânia, arte que faz o arco entre as ciências rigorosas e a barulheira desencadeada, melhor ainda, entre o mundial e o humano.

Música interseção.

Música carnal e formal, que, emitindo uma espécie de palavra muda, o corpo conta sem saber os números. Ciências: a cabeça sabe que conta, ela nomeia seus números; a Música conta por meio de números sem nome. Transbordados pelo ruído, não poderíamos, sem a música contar esse incontável.

O fluxo musical permite transitar do corpo em movimento para uma alma em emoção, do cobre ou da pele dos instrumentos à expressão dos sentimentos, das coisas duras às doçuras ditas, da terra e da água ao ar e ao fogo, da carne secretamente codificada às cifras do espírito.

Música de encarnação.

Música plena: reserva, reservatório, tesouro primordial, bano universal, recipiente de equivalentes sonoros anteriores à linguagem, de equivalentes insensatos anteriores a todo sentido, assim como a prata ou o ouro equivalem a tudo o que poderá ser trocado, cofre e cornucópia de inutilidades, em reserva de utilidades, assim como a dança entesoura e enterra no corpo figuras e movimentos inúteis, em reserva para usos possíveis. Música origem.

Música reunião.

Música universal. Não a deixe; mantenha-se nela; siga o curso dela, nade em seu fluxo, viva, habite e durma nela; você saberá tudo, pois ela sabe ou compreende tudo: o saber sem o saber, por um lado; os mitos sem dizê-los, por outro; o corpo e a palavra; as belas artes e o rigor... mas é preciso descer no outro universal, o do inferno caótico e perigoso, para ver emergir de sua fonte, para vê-la escoar, para fazê-la nascer, para compô-la, segundo um jorrar ordenado, ritmado como os existentes do Mundo e da vida, saindo todos deste inferno profundo de gritos desesperados.

Jorrando na extensão, podendo preenchê-la com suas ondas, a Música clama pelos universais: os últimos universais, já quase sensatos, do Mundo; os primeiros universais, ainda insensatos, humanos.

A Música não é uma saber, mas um poço de onde saem todas as invenções possíveis. Assim, a filosofia.

Correndo ampla no espaço, a Música clana pelos universais do tempo? Turbilhonando pelos riscos, que ela recebe do ruído e o escoamento laminar que ela produz em acordes e melodias, eis a fonte permanente de onde jorram a profusão ritmos e compassos, *tempi* e acelerações, refrões e ritornellos, tema e variações, fugas e contraponto, gritos arrítmicos e vozes ordenadas pela gramática e pela sintaxe, contínuo e descontínuo, números e razão... não sei se a Música segue ou produz o tempo... mas seja lá como for, sem Música, viveríamos, contaríamos a duração que ela parece seguir como sua sombra, que parece segui-la como um charme?

Música caixa preta intemporal, fonte de onde nasce a duração.”

Fim sobre uma súplica.

Música consolação das sete dores: sem os gritos desesperados que lhe dilaceram o tórax, sem o trabalho heroico das nove irmãs, sem os lagos de lágrimas vindos dessas mulheres, Orfeu adulto não teria jamais cantado, discorrido, composto, conhecido: arte e saberes de onde nasce às vezes o alívio.

Música, livrai-nos do Mal.

Assim educado por suas viagens, tornado especialista em cantos e partituras, palavras e razões, Orfeu se livrou do inferno ruidoso do Mundo, do corpo e dos grupos, incessantes, espinhosos, dolorosos, reproduzidos pelas Bacantes e pela Música e o saber que ele aprendeu com as nove irmãs, e terminou salvo de todo mal, por acalmar as feras com dentes de sabre, adoçar a cólera e o desamor dos humanos, aparar as rosas.

DA CAPO: FIM AOS INFERNOS

Contam que, perseguida pelo pastor Aristeu, apicultor, correndo loucamente para escapar da violação, picada no pé por uma serpente que rastejava por ali, Eurídice, a amante de Orfeu, morreu. Da picada da serpente, do ferrão de uma abelha, de um espinho maligno do ruído.... De uma rosa?

Corajoso, sem esperança, o músico desceu, para resgatá-la, ao mesmo inferno-fonte do qual já sabia sair, pois havia explorado o emaranhado do labirinto e dispunha, desde seu aprendizado bacanal, do rio-fio de Ariana musical.

Infelicidade, apesar das interdições divinas, ele se voltou para a sombra de sua mulher, mal saída do caos infernal: então o fantasma dela voou em explosão de átomos.

Mias tarde, as Menades dilaceraram em pedacinhos o corpo do compositor que retornou, assim, ao ruído em mil partes tão dispersas quanto as de Eurídice.

Obra humana em perigo, a Música frágil, sempre pode recair na desorganização do caos disperso.

Tudo, então, retorna ao começo, ao fundo dos três ruídos de fundo, gritados pelo coro embriagado das Pítias, Sibilas e Bacantes, que não saíram do lugar no fundo dos Infernos.

Que um viajante órfico, vocês, eu, aparelhemos de novo e tudo reparte daí, renasce, jorra de novo, revive, recria, compõe, superabunda, canta, pensa, calcula, chora, goza.